

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CARTAS DE LEITE DE VASCONCELOS A MARTINS SARMENTO.

(sem indicação de autor)

Ano: 1956 | Número: 66

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 66 (1-2) Jan.-Jun. 1956, p. 5-38.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmiento

(Continuação do vol. LXV, pág. 271)

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Não vi nada fenício, no que me passou pela mão, nas coisas pertencentes ao Estácio⁽²⁹⁸⁾. Há apenas os monumentos epigráficos em caracteres que eu chamo turdetânicos⁽²⁹⁹⁾.

Peço-lhe o favor de me dizer o vol. e pág. do Argote, referentes à tal inscrição, para eu procurar melhor no Grutero, pois, se a coisa lá vem, há-de aparecer⁽³⁰⁰⁾.

Agradeço a promessa da fotografia. O elemento da inscrição é -NAB-, não NAEB⁽³⁰¹⁾.

Muito folgo com o que me diz. Seria bem bom obter a inscrição de Moncorvo⁽³⁰²⁾, mas realmente é cara. Se tem cópia, obsequie-me enviando-ma.

(298) Vide carta anterior. Refere-se neste passo à aquisição que fez para o «Museu Etnográfico» da colecção de E. da Veiga.

(299) Vide nota 280.

(300) Alude a um marco miliário de Vinhais que Argote indica nas suas *Memórias* (vol. III pág. 576, n.º 938) como mencionado na obra de Grutero (Vide nota 292). Já na carta anterior Martins Sarmiento pedia a L. de V. indicações sobre esse marco, visto que não possuía o *Thesaurus Inscriptionum* de Grutero. (Vide nota 293).

(301) Referência ao monumento bracarense chamado *Fonte do Ídolo*. (Vide nota 295).

(302) Esta inscrição de Moncorvo encontra-se actualmente no Museu Etnológico, em Lisboa. É uma ara votiva dedicada a Júpiter e ao *Génio da Civitas Baniensium*, aparecida em 1845 perto de Moncorvo. Vide L. de V. *O Arch. Português*, II, 168, e *Rel. da Lus.*, II, 42 e 47, e III, 200, 223 — nota 3, e 229. Ver também CIL, II, n.º 2399; *Ephemeris Epigraphica*, VIII, n.º 107; e *Correspondência Hübner-Sarmiento*, cit., págs. 222, 223.

Novidades arqueológicas não tenho agora que lhe dar, a não ser que um meu *correspondente* me obteve 30 machados neolíticos, que ainda me não chegaram, mas que estão guardados.

Na Páscoa tenciono sair, mas ainda não sei para onde.

Desejo que continue cada vez melhor de saúde, e que venha cá por baixo, porque tem muito que ver por cá.

Até outro.

Am.º agrad.º

Lisboa.

Leite de Vasconcellos

25-II-94.

Ex.º Am.º e S.ºr

Na próxima semana procurarei no Grutero ⁽³⁰³⁾. Agora há uns feriados. Agradeço a inscrição de Moncorvo, que creio ser a mesma que vem, estropeada, no Hübner, n.º 2399 ⁽³⁰⁴⁾. Não estará esta cópia também imperfeita? Ou ela tem duas dedicatórias, — uma a Jove, outra à cidade? É pena que o monumento do Ídolo não possa ser fotografado ⁽³⁰⁵⁾, mas o que pelo menos poderia era ser desenhado, e talvez em Braga haja um desenhista competente. Não passará por lá o Meneses ⁽³⁰⁶⁾? Esse é que era competentíssimo. Espero que o 1.º vol. das minhas *Relig. da Lusit.* esteja pronto ainda antes de Setembro ⁽³⁰⁷⁾. Resovi publicar os volumes logo que se fossem imprimindo. Escrevo à pressa.

Am.º obg.º

2-III-94

J. L. de V.

⁽³⁰³⁾ Vide nota 300.

⁽³⁰⁴⁾ Vide nota 302.

⁽³⁰⁵⁾ Vide nota 301.

⁽³⁰⁶⁾ Refere-se ao Engenheiro militar Inácio de Meneses (Vide *Correspondência Hübner-Sarmento* cit., pág. 8, nota 2).

⁽³⁰⁷⁾ O 1.º vol. das *Religiões da Lusitania* só foi publicado em 1897, (Vide notas 243 e 259).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (308)

Escrevo muito de fugida, porque eu tenho vida de tal modo que mal me chega o tempo.

No Cabo de S. Vicente não há propriamente monumento. Há um monte artificial de cascalho, —pedras miudas—, chamado *muledre* (i. é, *moledo*); diz o povo que aquelas pedras são soldados encantados de D. Sebastião, e que quem levar uma para casa e a puser à noite no travesseiro, verá de manhã aparecer-lhe um soldado, que logo desaparece. Aqui parece haver um eco longínquo da passagem estraboniana, que aliás está corrupta, e por isso se não percebe toda.

No cabo há muitas aparições: figuras a andar pela praia, luzes à noite. Ouve-se uma música longínqua, sumida... e depois as luzes começam a voltijar. Aqui é que temos sem dúvida a lenda contada de Estrabão, a qual devemos considerar como uma lenda comum. E de facto eu conheço outras pelos nossos cabos. O facto de Estrabão localizar uma no Cabo de S. Vicente é que nos chama mais a atenção para ali (309).

*

Com relação ao *ídolo* de Braga, eu considero a 1.^a figura como do dedicante, e a tal janela como uma *aedicula* com o ídolo dentro. No Dicc. de Rich e de Saglio vêm *aediculae* iguais. Nos monumentos de Endovellico tenho muitas figuras de dedicantes análogas àquela. Assim o monumento torna-se, me parece, claro (310).

(308) Carta sem menção de data, mas pela comparação do seu contexto com o da carta anterior, e por uma indicação precisa que L. de V. dá na *Rel. da Lus.*, II, pág. 205, vê-se que é de Março de 1894.

(309) Sobre o termo «moledro» ou «moledo» aplicado aos montículos de pedras que L. de V. diz existirem na região do Cabo de S. Vicente, vide *Rel. da Lusitânia*, II, pág. 205 e *Revista Lusitana*, VII, pág. 248. Sobre as lendas referentes ao Cabo de S. Vicente citadas por Estrabão (*Geogr. L. III, c. 138*) e recolhidas de Artemidoro, vide A. Schulten, *Fontes Hispaniae Antiquae*, Barcelona, tomo VI (1952), pág. 91, 136-139.

(310) Vide nota 295.

*

Já tenho instado por vezes com o moldador. Ele tem pronta a *Trebaruna* e o baixo-relevo de Baião. Falta só o paralítico, que deve acabar esta semana ⁽³¹¹⁾.

*

Em Faro fundou-se um museu arqueológico. Em Alvaiázere há um investigador que escreve num jornal local artigos bem feitos ⁽³¹²⁾. Como vê, a arqueologia vai progredindo.

Espero as suas notícias.

Am.º obg.º

Lx.ª, Domingo.

Leite de Vasconcellos

Am.º e S.ºr ⁽³¹³⁾

Por falta de tempo escrevo este, e um dia destes mando o que pede.

O caixote sai daqui na 2.ª feira à noite ⁽³¹⁴⁾. Vai em grande velocidade, para ir melhor (se quiser que vá em pequena, pode avisar-me na volta do correio). Eu recomendo cá na estação que o coloquem com geito no vagão. Agora tem V. Ex.ª de

⁽³¹⁴⁾ Vide nota 287.

⁽³¹²⁾ O jornal local era «O Alvaizerense», e o investigador que ali escrevia era Mário Rosa, que em vários números se ocupou da história e da arqueologia do concelho.

⁽³¹³⁾ É um bilhete postal sem data, mas pelo carimbo do correio vê-se que foi expedido de Lisboa em 12 de Maio de 1894.

⁽³¹⁴⁾ Este passo alude ao envio a Martins Sarmiento dos modelos em gesso de alguns monumentos epigráficos que o estudioso vimaranense lhe tinha pedido, (Vide notas 283, 284 e 287).

prevenir o chefe de Guimarães para o descarregar também com geito. Ele vai bem acondicionado, todavia como são uns brutos...

E poderia também d'aí prevenir para o Porto?

Am.º obg.º

J. L. de V.

Ex.º Am.º e S.ºr

Não lhe tenho escrito por falta de tempo, e escrevo-lhe esta debaixo de grande impressão moral, porque tenho minha mãe muito doente.

A inscrição de Trebaruna lê-se bem, e outro dia lha enviarei. É efectivamente MILIS (= miles) IGAEDITANIENSIS e fala-se lá numa cohorte *Lusitanorum*. Não tenho de cor a inscrição, e indo à Biblioteca lha copio ⁽³¹⁵⁾.

Na linha final do paralítico há umas letras que não entendo ⁽³¹⁶⁾.

Cá satisfiz a conta. Não vale a pena falar nisto ⁽³¹⁷⁾.

Agradecerei que me envie a inscrição de que me fala.

Há dias estive fora e colhi algumas coisas.

De V. Ex.ª

am.º obg.º

Lisboa,

10-VI-94

José Leite de Vasconcellos

(315) Vide notas 273 e 284.

(316) Vide nota 287.

(317) A conta era relativa ao transporte para Guimarães dos modelos em gesso a que se alude na nota 314.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (318)

Lisboa. 14-VIII-94.

Acho efectivamente nos livros e no trabalho quotidiano bastante alívio na grande e inextinguível dôr por que passa o meu coração, conquanto eu mal me possa conformar com a solidão e tristeza em que vivo!

Não lhe pude ainda escrever a enviar-lhe a cópia da inscrição de Trebaruna, o que faço agora:

T O N G I V S
T O N G E T A I
F I I G A E D I T
M I L I S
T R E B A R V N E
L M . V . S

Os três GGG parecem também CCC. Eu leio assim, o que aliás me parece claro: « Tongius, Tongetami fi(lius), Igaedit(aniensis) milis [= miles] Trebanune [= Trebarunae] libens etc. ».

Já fiz uma pequena nota filológica sobre Tongius e Tongetamus; este último termina como o seu Medamus.

Sobre *Trebaruna* consultei o Holder, mas não me deu resposta satisfatória (319).

Vai para Vila do Conde?

Eu tenciono ir para lá no dia 9 de Setembro, pouco mais ou menos. Amanhã mando para o Cada-val (320), continuar as explorações, o meu adjunto no Museu: vai explorar uma gruta. Eu apareço lá

(318) É uma carta tarjada de preto. L. de Vasconcelos refere-se aqui ao falecimento de sua Mãe. A doença dela aludia já no começo da carta anterior.

(319) Sobre esta inscrição vide a carta anterior e a nota 273.

(320) Vide nota 277.

no dia 1, pois só posso livrar-me de cá no dia 31 do corrente. No dia 2 vou com ele explorar umas antas ao Alentejo, onde me demorarei até 8 talvez, ou 9; depois descanso, passeando pelo Norte, pois estou sub-atribulado do corpo e do espírito, principalmente. Não faço mais nada este mês, apesar de ter tido ontem um convite para ir ao foco arqueológico da Idanha-a-Velha, e de há dias ter tido outro para ir a Trás-os-Montes, de onde me acenaram com umas inscrições romanas. Irei depois.

De V. Ex.^a am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (321)

Falando V. Ex.^a da sepultura das *Coriscadas*, no Marco (322), emprega a expressão: «gruta formada por penedos». Como fico em dúvida se se trata de uma gruta no sentido geológico da palavra, se de um simples «abrigo debaixo de rocha» (Ver Mortillet, *Le Préhistorique*, índice, s. v. *abris*), pedia a V. Ex.^a o favor de me elucidar, pois no trabalho que estou fazendo tenho de me referir às *Coriscadas*, e incluí-la num § ou noutro, conforme for gruta ou simples abrigo. Outra pergunta: aí, no

(321) Sem data. Mas, pela carta imediata a esta, na qual também fala, como aqui, na Gruta de *Coriscadas* (Marco de Canaveses), depreende-se que esta deve ser pouco anterior: talvez de fins de Outubro ou 1.^a quinzena de Novembro de 1894.

(322) A Gruta das *Coriscadas* é formada por um aglomerado de penedos, situada na Bouça da Poça do Monte, Lugar das *Coriscadas*, freguesia de Soalhães, no Marco de Canaveses. Foi aproveitada como gruta sepulcral tendo ali aparecido objectos do período neolítico que se encontram no Museu da Soc. M. S. Foi adquirida por Martins Sarmiento em 1894 e é hoje propriedade da Sociedade (Vide Mário Cardozo, *Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento*, Guimarães, 1950, pág. 76 e 163). Ver também *O Arch. Port.*, vol. VI, pág. 173, 174 e 196.

Minho, *lapa* tem também este sentido de «abrigo debaixo de rochedo»?

Desculpe V. Ex.^a estes incómodos. Se tiver notícia de outros *abrigos* e *grutas* muito me obsequiava dando-me uma indicação sumária dos nomes e dos objectos (ossos humanos, ou indústrias) lá achados.

Esperava encontrá-lo em Setembro em V.^a do Conde, mas foi em vão.

Estive para ir fazer-lhe uma visita a Âncora, na ocasião em que lá foi o José e o Alberto ⁽³²³⁾, mas faltou-me o tempo.

No Natal tenciono aparecer por aí.

Muito à pressa.

Am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

Am.^o e S.^{or}

Remeto a inscrição do Trebaruna ⁽³²⁴⁾; por estar muito cheio de trabalho, não remeto a outra, mas vai qualquer dia.

Agora um pedido e obsequie-me respondendo-me logo que possa.

Desejava uma lista sumária da civilização de Sabroso ⁽³²⁵⁾; isto é, basta assim: objectos de pedra,

⁽³²³⁾ O José e o Alberto serão possivelmente os irmãos Drs. José e Alberto Sampaio, ambos vimaranenses ilustres, o primeiro escritor e advogado distinto e o segundo eminente historiador, autor insigne de *As Villas do Norie de Portugal*, *As Póvoas marítimas*, e de outros trabalhos notabilísimos e bem conhecidos.

⁽³²⁴⁾ Vide nota 319.

⁽³²⁵⁾ Vide Mário Cardozo, *Citânia e Sabroso*, Guimarães, 3.^a ed., 1948, pág. 51 ss.

objectos de bronze, etc. E pedia-lhe que me remettesse o questionário adjunto ⁽³²⁶⁾.

Agradeço a sua carta, da qual fico concluindo que a sepultura das Coriscadas era debaixo de um penedo ⁽³²⁷⁾.

Qualquer dia receberá uma novidade arqueológica.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

Lisboa, 20-XI-94

Leite de Vasconcellos

Num papel avulso junto a esta carta :

A R A P O S

T O N G I V S
T O N G E T A M I
F I G A E D I T
M I L I S
T R E B A R V N E
L M · V · S

Ara(m) pos(uit) Tongius, Tongetami f(ilius), Igaedit(anus), milis, Trebarune(=Trebarunae) l(ibens) m(erito) v(otum) s(olvit).

Segundo as informações que colhi, a ara veio da Idanha ⁽³²⁸⁾, o que não destoa das inscrições de lá.

Este Tongetamus é parente do Medamus pelo sufixo, pois *Tongetamus* decompõe em: *Tong-et-amus*. Há numa inscrição o nome *Tongeta*, que representa a forma intermédia entre *Tongius* e *Tongetamus*.

(326) Não se encontrou junto aos autógrafos o questionário aqui citado.

(327) Vide nota 322.

(328) Vide nota 273 e também *O Arch. Port.*, I, pág. 227.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}Bibl. Nac.^{al},
2-III-95Há que tempo não sei nada de V. Ex.^a!

Muito desejava me mandasse muitos artigos arqueológicos para *O Arch. Portug.* (329). V. Ex.^a se for aos seus cadernos tem por lá imensa matéria. Se também quizesse enviar-me estampas, era isso muito bom. Eu fiz o pedido geral num prospecto e por isso escusava de o fazer aqui, tanto mais que V. Ex.^a decerto teria já tenção de me mandar alguma cousa; mas com esta carta tenho por fim lembrar.

Disse-me em tempo que queria obter um modelo em gesso do *ídolo* de Braga (330). Já o obteve? E ficou bom? Nesse caso eu desejava que fizesse o favor de me mandar uma fotografia ou desenho fiel, pois tenho há que tempos um artigo sobre o deus (de que publiquei já resumo que lhe mandei) (331), e não o posso publicar sem estampa.

Concorda com as explicações que dou do monumento?

Tenho últimamente obtido bastantes coisas, de que irá dando menção *O Arch.*

Muita à pressa.

Am.^o obrg.^o

Leite de Vasconcellos

(329) « *O Archeologo Português* » começou a sua publicação em Janeiro de 1895.

(330) Vide nota 295.

(331) O primeiro trabalho de L. V. sobre a chamada *Fonte do Idolo* foi uma comunicação feita à Academia Real das Ciências de Lisboa, em 25 de Maio de 1894, publicada depois no vol. III, págs. 307 ss. da *Revista Lusitana* e, em opúsculo, com o título *O Deus bracarense Tongoenabiagus*. Porto, 1894-96. (Vide L. de V., *Opúsculos*, Lisboa, vol. V (1938) — Parte I, págs. 179-196). Mais tarde inseriu no vol. II das *Religiões da Lusitânia* (pág. 239-265) um extenso trabalho sobre o mesmo assunto. Para a bibliografia da inscrição deste monumento bracarense veja-se Mário Cardozo, *Catálogo das inscrições do Museu da Soc. M. S.*, cit., pág. 32.

Ex.^{mo} S.^{or} (332)

Agradeço as notas e fotografia acerca da Citânia de Santo Tirso, e fico esperando (333). Quando porém tiver um momento de vagar, creio que não se esquecerá de me mandar mais alguma coisa de seus apontamentos. Eu, quando fundei o jornal, foi contando com os colaboradores, pois não tenho tempo para encher todos os meses 32 páginas, com revisão de provas, etc. É verdade que já mais alguns colaboradores tenho.

O ídolo de Braga está enguiçado! (334) Por mais que tente obter uma fotografia ou um desenho não posso. Eu tenho um desenho, mas é bastante simples.

Pode ter a certeza que Pragança é um castro, bem delimitado por três lados (escarpas e um vale fundo), e mesmo denominado «Castelo» (335). Quanto a Liceia, também isso se deduz das palavras de C. Ribeiro (336); mas eu já lá fui ver, e concordo com o que ele diz, salvo com relação a um pequeno monumento de pedra que creio ser moderno.

Am.^o obg.^o

J. L. de V.

(332) Postal sem data, Pelo carimbo do correio vê-se que foi expedido de Lisboa em 8-3-1895

(333) Refere-se ao artigo intitulado «*Cidade Velha*» de Monte Córdova, que Martins Sarmento publicou n-*O Arch. Port.*, vol. I, pág. 145-151.

(334) Vide nota 295 e 330.

(335) N-*O Arch. Port.*, vol. I, págs. 5-7, refere-se L. de V. ao Castro de Pragança, num artigo sobre castros em geral e sua classificação, considerando-o do «tipo pré-romano». Hoje esta divisão dos castros em *pré-romanos* e *luso-romanos* é pouco segura, visto que também estes últimos tem origem pré-romana.

(336) O castro de Liceia é considerado por L. de V. pré-romano, do «tipo neolítico» (Vide *O Arch. Port.*, vol. I, pág. 5). Este castro foi explorado pelo notável geólogo e arqueólogo, Carlos Ribeiro, oficial do Exército natural de Lisboa, falecido em 1882. Ficou notável a sua descoberta de objectos de sílex com aparência de trabalho humano nos terrenos miocénicos e pliocénicos do Vale do Tejo, especialmente na região de Ota, o que levou à conclusão da existência do homem já no período terciário, que o sábio Morbilllet classificou de *Homosimilus Ribeiroi* (Vide Carlos Ribeiro, *Estudos pré-históricos em Portugal*).

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Voltei ontem da minha excursão pelo Alentejo e Algarve (337). Recolhi uma inscrição árabe, umas 6 visigóticas e umas 5 ou 6 romanas, além de ossadas num cemitério visigótico de Myrtilis (338), e fiz vários reconhecimentos de estações arqueológicas. Levei comigo o adjunto do Museu (339), que desenhou e fotografou, e trouxe por isso várias estampas. Não perdi o tempo, mas, como só descansei o tempo de dormir, média de 5 a 6 horas, vim extremamente moído.

Logo ou amanhã vou ver se trato do pedido do abade.

Até outra.

am.^o obg.^o

J. L. de V.

Am.^o e S.^{or}

Há-de estar admirado com a demora da publicação do seu artigo (340). Mas nem ainda sai no n.^o 5, sai só no n.^o 6, por causa das demoras na gravura, pois havia outro antes, e lá são bastante demorados.

Desejava que me mandasse mais artigos. V. Ex.^a tem por lá imensas notas, que podia publicar assim

(337) Bilhete postal sem data. O carimbo dos correios mostra que foi expedido de Lisboa em 16-4-1895.

(338) A estas inscrições de Mértola refere-se L. de V. n-*O Arch. Português*, vol. I, págs. 7, 180, 181, 221, 311 e 314.

(339) O adjunto do Museu era Maximiano Gabriel Apolinário, antigo condutor de Obras públicas e depois engenheiro. Foi despachado para o Museu, em Dezembro de 1893. Deixou este serviço em Agosto de 1896. (Vide L. de V., *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, págs. 153 e 316). Vários funcionários adjuntos à Direcção teve o Museu, sucessivamente, no tempo de L. de V., como D. Vasco Brandão, Dr. Felix Alves Pereira e Dr. Vergílio Correia, conservadores, e outros,

(340) Vide nota 333.

mesmo. Sendo artigos sem estampas publicam-se mais depressa. Eu disponho de muito pouco tempo, senão só eu tinha para encher muitos números.

Não me disse ainda se o jornal lhe agrada ou não!

Tenho ideia que V. Ex.^a publicou qualquer nota acerca de serem cristãs ou poderem sê-lo as sepulturas abertas em rocha; precisava de me referir a essa nota, mas não me lembro onde a li (tenho presente apenas uma nota sobre essas sepulturas no *Pantheon* e no *Relatório* da Serra da Estrela, mas lá não é): peço a V. Ex.^a o favor de mo indicar ⁽³⁴¹⁾.

Para onde vai no verão?

Eu tenciono estar fora Agosto e Setembro, para percorrer meio Portugal. Comprei para o Museu 2 manilhas de ouro, que apareceram no Porto à venda. Chegou-me a inscrição que eu achei ao pé de Óbidos e que parece referir-se a Eburobritium ⁽³⁴²⁾. Adquiri há pouco várias placas de xisto ornamentadas ⁽³⁴³⁾. O museu vai em aumento, mas não começaram ainda a fazer-me a casa que me prometeram, e tenho de ter umas poucas de inscrições em lojas emprestadas! ⁽³⁴⁴⁾

Lisboa

Am.º obg.º

18-VI-95

Leite de Vasconcellos

Nos domingos faço excursões aqui pelos arredores, quando posso. Ultimamente encontrei uma

⁽³⁴¹⁾ Martins Sarmento tinha emitido a sua opinião sobre as sepulturas abertas em rocha em cartas para L. de V., de Maio de 1882 e Setembro de 1883 (Vide *O Arch. Port.*, vol. VI, pág. 46, e 175. Sobre o *Pantheon* vide nota 38, e sobre o *Relatório* da Expedição à Serra da Estrela, vide nota 261).

⁽³⁴²⁾ Vide nota 297.

⁽³⁴³⁾ Deve referir-se às chamadas *placas-idolos*, ou amuletos típicos da Cultura Megalítica, contendo um ou mais furos para suspensão, e apresentando estilizações geométricas gravadas, que por vezes representam a figura humana.

⁽³⁴⁴⁾ Ainda hoje, infelizmente, o nosso primeiro Museu de Arqueologia não tem casa apropriada e instalação condigna. As dependências que ocupa no Mosteiro dos Jerónimos, em Belém, já não comportam as colecções do Museu, pelo que há ali muitos objectos armazenados, em depósito, aguardando colocação.

estação romana, uma inscrição romana, machados, etc. No próximo domingo espero ir a Tróia ⁽³⁴⁵⁾.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} ⁽³⁴⁶⁾

Ficou satisfeito com as gravuras do seu art. n.^o *O Arch. P* ⁽³⁴⁷⁾

Peço-lhe o obséquio de me enviar mais artigos, ainda que não sejam senão notas sem estampas. V. Ex.^a tem lá muita abundância, é só ir aos cadernos. Eu tenho bastante material para o jornal, mas não o posso encher sozinho porque me falta o tempo. O Rocha ⁽³⁴⁸⁾ tem colaborado bastante, e artigos interessantes. Para dar impulso ao jornal é precisa a colaboração de todos, principalmente dos que mais provas têm dado de interesse pelos assuntos arqueológicos.

No Setembro andei por Trás-os-Montes até Chaves. Vi e trouxe bastantes coisas ⁽³⁴⁹⁾.

O 1.^o vol. das minhas *Religiões* está quase acabado ⁽³⁵⁰⁾. Espero que em Janeiro, ou o mais tardar no Entrudo, esteja na rua. À parte alguns pontos em que divirjo do meu amigo, creio que há-de agradar-lhe, pois leva muitos factos e explicações, e não se apresenta hipótese nenhuma que não seja apoiada em suficientes factos.

Am.^o obg.^o

J. L. de V.

⁽³⁴⁵⁾ Tróia é uma estação arqueológica notabilíssima, situada na península de Setúbal, que há muitos anos espera uma escavação metódica.

⁽³⁴⁶⁾ Bilhete postal sem data. Pelo carimbo vê-se que foi expedido de Lisboa em 31-10-1895.

⁽³⁴⁷⁾ Vide notas 333 e 340.

⁽³⁴⁸⁾ Santos Rocha. Vide nota 221.

⁽³⁴⁹⁾ Em 1917 publicou L. de V. n.^o *O Arch. Port.*, (vol. XXII, págs. 1 a 53) um extenso artigo sobre Chaves e Bragança, onde esteve em Julho e Agosto de 1915 a presidir aos exames liceais naquelas localidades. Recolheu então fartas notícias etnográficas e arqueológicas sobre Chaves.

⁽³⁵⁰⁾ Vide nota 307.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Por absoluta falta de tempo não tenho podido escrever ⁽³⁵¹⁾. Remeto a inscrição que efectivamente me esqueci de copiar, por andar sempre numa faina ⁽³⁵²⁾.

Amanhã parto para Beja, em visita arqueológica, mas volto na 2.^a feira. Este Natal espero ir para Évora fazer algum estudo.

Em Janeiro espero pois o artigo ⁽³⁵³⁾.

Desculpe o papel.

Am.^o obrig.^o

Leite de Vasconcellos

D E O E N D O V E L I

CO SACRVM AEDEOLV

... .. PRO VTVM FECIT

Linha 3.^a. As três primeiras palavras parece devem ser o nome do dedicante. VTVM sem O. Inédita.

⁽³⁵¹⁾ É um simples bilhete, apressadamente escrito, sem designação da data. Foi escrito, sem dúvida, pouco tempo antes da carta imediata, que no final alude igualmente à inscrição que neste bilhete se menciona e à promessa de Sarmento de colaboração n-*O Arch. Português*.

⁽³⁵²⁾ Refere-se à inscrição do ex-voto do chamado «hemiplégico», proveniente do santuário de *Endovellicus* (vide notas 187 e 287). O Prof. Lambrino, no estudo citado na nota 187, discorda da opinião de L. de V. nas *Relig. da Lusitânia* (II, págs. 128, 129) quanto à interpretação da figura esculpida neste ex-voto, que considera não um parafítico, mas sim a representação do próprio deus (Vide págs. 117-120 do estudo cit.). A leitura completa desta inscrição dada por Lambrino é: *Deo [E]ndovellico sacrum. Aedeolu(m) | C. S.(ulpicius?) Apro v(o)tum fecit* (pág. 102 do mesmo estudo). Vide também *O Arq. Português*, vol. I (1951), Nova série, p. 58-59.

⁽³⁵³⁾ Promessa de Martins Sarmento de novo artigo para *O Arch. Port.*, que nunca chegou a realizar pois apenas ali publicou o artigo referido na nota 333.

Am.^o e S.^{or}

Estimo que esteja melhor, ou bom da sua constipação.

Embirrei com o seguinte. Disse-me V. Ex.^a, quando recebeu o molde do Ídolo de Braga ⁽³⁵⁴⁾, que havia um I depois do O. Verificando no calco que tenho, vejo lá efectivamente um sulco que parecia da pedra, e não letra. O Belino insiste depois comigo que há I. Mandeí o calco ao Hübner, e este é também de opinião que o sulco é da pedra e não letra. Como o Belino tornou a insistir comigo, escrevi ao José Machado ⁽³⁵⁵⁾, pedindo-lhe que fosse verificar. Este foi, e diz-me que não há dúvida que está lá um I, mas que a «pedra foi raspada para tornar mais clara a existência daquela letra, que anteriormente parecia a linha da moldura Quando tirei o calco a cavidade era menos profunda, e o I um problema»! (Cortei o que falta, por brevidade). E esta? Vejo que o calco adquiriu grande valor. Mandeí-o ao Hübner; ele há-de devolver-mo. Em 16 de Janeiro vou a Braga de propósito ver o que posso averiguar. Não tenho pretensões de epigrafista, nem de ver tudo, mas quando estive em Braga copiei a pedra com algum cuidado, — tanto que vi uma palavra ainda não vista —, e nada me impressionou como um I. O mesmo sucedeu ao informador de Argote. Como é que aparece agora um I tão claro que todos o lêem e ninguém tem dúvida?—O molde é posterior à minha visita e ao calco.

Recebi há dias um óptimo livro do Martins Capela. Muito folguei. Vejo que o homem é bom trabalhador ⁽³⁵⁶⁾.

⁽³⁵⁴⁾ Vide nota 295.

⁽³⁵⁵⁾ Dr. José de Sousa Machado, genealogista distinto, natural de Braga, onde exerceu o cargo de secretário da Câmara Municipal e faleceu em 1934.

⁽³⁵⁶⁾ Refere-se L. de V. ao óptimo livro do Padre Manuel Martins Capela, *Milidrios do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, publicado em 1895 (Vide *O Arch. Português*, vol. II, págs. 97 e ss.). O P.^e Capela era natural de Terras de Bouro, onde faleceu em 1925. Foi um grande erudito e probo trabalhador nos campos da Epigrafia latina e da Arqueologia. Martins

Também # os dois livros do Belino ⁽³⁵⁷⁾. O 2.º é inteiramente no estilo do Caldas ⁽³⁵⁸⁾. No 1.º há uns capitulos nesse estilo. Não formei ainda juízo certo do rapaz; só o formarei em falando com ele. A história de pôr a effigie, toda condecorada, à frente dos livros desagradou-me.

Eu no domingo vou para Alcácer, e de lá para Évora, onde conto explorar antas e copiar mss. na Biblioteca. Se V. Ex.^a me escrever antes, peço o faça na volta do correio, para receber carta no sábado. Se não, pode escrever-me assim: Alcácer do Sal, — posta restante.

Deve ter recebido a inscrição do *Endovellico* ⁽³⁵⁹⁾. Fico esperando para Janeiro os prometidos artigos para *O Archeólogo*.

Am.º obg.º

Lisboa
18-XII-95

Leite de Vasconcellos

Sarmento tinha por ele uma grande estima e apreço. No Arquivo de Reservados da Sociedade M. S. existe uma preciosa colecção de cartas de Martins Sarmento ao P.º Capela, que foram publicadas na *Rev. de Guimarães*, (vols XXXIX a XLVIII). Sobre Capela vide *Corresp. Hübner-Sarmento*, cit., pág. 133, nota 8.

⁽³⁵⁷⁾ Os dois livros de Albano Belino eram *Inscrições e letreiros da Cidade de Braga e de algumas freguesias rurais* e *Inscrições romanas de Braga*, ambos publicados em 1895. Albano Belino, natural de Gouveia, faleceu em Guimarães, em 1906. Foi um grande entusiasta pelos estudos arqueológicos; era porém um investigador de muita restrita cultura, não merecendo as obras que deixou a necessária confiança. L. de V. escalpeliza, com severa mas justa crítica, estes dois primeiros livros do estudioso n-*O Arch. Port.*, (vol. II, pág. 58 e 116). Todavia, em 1906, consagrou-lhe mais benévolas palavras no necrológio que lhe dedicou em sessão do Conselho dos Monumentos Nacionais, no dia 5 de Dezembro (Vide *O Ach. Port.*, vol. XI, pág. 318). Também Emílio Hübner, em escritos que publicou e em correspondência particular para A. Belino, lhe fez notar os numerosos erros que os seus livros continham. É inegável, porém, que alguns bons serviços este estudioso prestou à Arqueologia portuguesa, salvando da ruína muitos monumentos epigráficos, que legou ao Museu Etnológico e ao da Soc. Martins Sarmento. O sábio M. Sarmento era muito amigo dele e bons conselhos e lições lhe deu (Vide *Correspondência Hübner-Sarmento*, cit., pág. 235, nota 1).

⁽³⁵⁸⁾ Vide nota 45.

⁽³⁵⁹⁾ Vide nota 352.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Do jornal que me mandou vejo que os seus achaques o deixam já escrever para a imprensa, o que me mostra que está melhor de saúde. No decurso dos meus estudos terei ocasião de me referir às suas hipóteses ⁽³⁶⁰⁾.

Estive ultimamente em Braga. No fim da inscrição, há decerto um I, mas, quanto creio, apócrifo, porque destoa das outras letras e foi exarado no próprio sulco ornamental da pedra. Também verifiquei que a 1.^a letra não é um P, mas meio T. Por isso o nome do deus é TONGOENABIAGVS; mais fácil será assim de explicar ⁽³⁶¹⁾.

Falei com o Belino e confirmei os meus juízos ⁽³⁶²⁾.

Hoje recebi de Braga um n.^o 5 d-*O Combate*, que lhe envio. Veja como quem como eu trabalha com tanto amor, sinceridade e desinteresse pecuniário, está sujeito às pedradas de qualquer vilão ⁽³⁶³⁾.

Sem mais por agora.

Lisboa.

Bibl. N.^{al}
9-III-96Am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

⁽³⁶⁰⁾ Em 1896 Martins Sarmiento publicou um artigo na *Nova Alvorada*, de Famalicão, intitulado «A propósito de Valábriga» e na *Revista de Guimarães*, «Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães». Também nesse ano saiu a 2.^a edição do *Ora Maritima*, (Vide M. Cardozo, *Bibliografia Sarmentina*, pág. 31). E ainda um artigo na *Vida Moderna*, do Porto, sobre o livro do P.^e Martins Capela (Vide nota 356).

⁽³⁶¹⁾ Inscrição da Fonte do Ídolo, de Braga. (Vide nota 295).

⁽³⁶²⁾ Juízos depreciativos formulados na carta anterior. (Vide nota 357).

⁽³⁶³⁾ Não foi o n.^o 5 do jornal *O Combate*, mas sim o n.^o 103 de 8 de Março de 1896, o que se referiu, numa crítica malévola e estúpida, a esta ida de L. de V. a Braga, para examinar a inscrição da *Fonte do Ídolo*. O semanário publicava-se em Braga, aos domingos, sendo seu redactor Eduardo Meneses. A redacção era no Campo de Sant'Ana, 36.

Não são raras, nem de estranhar, infelizmente, as acusações e falsidades contra as pessoas dignas e de verdadeiro mérito. A maldade e a inveja instigam com frequência os espíritos mesquinhos. Muitas outras arremetidas injustas havia de sofrer ainda o insigne fundador do Museu Etnológico. Em 1911, por exemplo, foi acusado por um deputado, em pleno Parlamento, de

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Por absoluta falta de tempo não respondi ainda à sua carta, que agradeço. Pode ser que a forma de alguma das minhas críticas não fosse tão suave como poderia ser, mas na essência creio que são sempre justas, pelo menos escrevo-as com sinceridade. E não têm sido de todo inúteis, pois a do Bonança fez suspender a obra, que era uma vergonha ⁽³⁶⁴⁾; a do Amorim ⁽³⁶⁵⁾ fez, segundo ouvi, recolher as edições; a do Figueiredo ⁽³⁶⁶⁾ grangeou alguns prosélitos para o estudo da Filologia. No nosso país, bem sei, quase não existe crítica, e quando alguém tenta fazer alguma, é mal recebido; mas isso não me impedirá de dizer a verdade, quando eu julgar que a devo dizer, e tal como a entendo.

Hoje remeto pelo Luisinho ⁽³⁶⁷⁾ as *Lendas pias* do Maury ⁽³⁶⁸⁾. Peço desculpa da demora. Eu desejava tornar a lê-las ao publicar a 4.^a Pt. da minha obra, mas isso ainda vem longe ⁽³⁶⁹⁾; para as não demorar mais, remeto-as.

pretensas irregularidades por ele cometidas na direcção do Museu. Leite de Vasconcelos pediu então ao Governo uma sindicância aos seus actos, a qual deu em resultado não só ficar completamente ilibado das falsas e injustas acusações que lhe eram feitas, mas provocou um louvor do Ministro do Interior ao syndicado « pelos valiosos e porfiados trabalhos prestados à Ciência e à Pátria » (Vide L. de Vasc., *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915 págs. 125 a 168).

⁽³⁶⁴⁾ Vide nota 146.

⁽³⁶⁵⁾ Refere-se a uma polémica que teve com o autor de as *Memórias de Garrett*. Francisco Gomes de Amorim, contra o qual publicou, em 1890, *O texto dos Lusíadas segundo as ideias do Sr. Gomes de Amorim*.

⁽³⁶⁶⁾ Alude à violenta polémica que sustentou com Cândido de Figueiredo, em 1891, ao qual dirigiu a crítica *As lições de linguagem do Sr. Cândido de Figueiredo*. Este retorquiu com a *Tosquia de um Camelo* e o *Golpe de Misericórdia*, mas L. de V. deixou-o sem possibilidades de defesa na réplica *O gralho depenado*.

⁽³⁶⁷⁾ Este « Luisinho » deve ser Luis Cardoso de Macedo de Meneses, falecido em 1945, filho do Conde de Margaride, amigo de L. de V. (Vide nota 13).

⁽³⁶⁸⁾ Vide nota 264.

⁽³⁶⁹⁾ A obra era *Religiões da Lusitânia* (Vide notas 243 e 259).

Agora li n-A *vida moderna* um artigo de V. Ex.^a (370). Apesar de V. Ex.^a me dizer há tempos que não escrevia para *O Arch.* por falta de saúde, vejo que esta lhe voltou, pois já depois disso vi escritos seus em tres jornais. Não sei pois o motivo de não escrever para o *Archeólogo*. Queixa-se V. Ex.^a de que os arqueólogos não acolheram o livro do Capela (371). Que hei-de eu dizer também, pois tendo, com sacrificio imenso, levado a efeito a publicação de um jornal de arqueologia (372), não recebo para lá a colaboração assídua de todos os que em Portugal se occupam destes assuntos? Houve um único colaborador estranho, que mandou um artigo espontaneamente; todos os mais os têm mandado a reiterados pedidos meus. É verdade que alguns, como o Rocha (273), mandam-me muitos e bons. Creio bem que V. Ex.^a não terá nenhuma indisposição contra mim, pois, quer falando, quer escrevendo, não tenho nunca perdido o ensejo de prestar homenagem aos seus serviços arqueológicos.

Agora, quanto ao artigo sobre o Capela, direi a V. Ex.^a que, como V. Ex.^a escreve sempre debaixo de certo pessimismo, foi injusto. A Associação do Carmo, segundo me diz o G. Pereira, elegeu o Capela sócio correspondente em homenagem ao livro. O presidente da Academia falou-me duas vezes no livro, e um dos sócios effectivos uma vez, e a ambos eu disse muito bem dele, supondo muito que ele vai ser eleito sócio. Eu, pela minha parte, escrevi-lhe a ele uma carta de felicitação (e também falei a V. Ex.^a no livro),

(370) O artigo do jornal portuense *A Vida Moderna* era o que Martins Sarmento escreveu acerca do livro do Padre Martins Capela (vide nota 356). Saiu no número 28, de 24 de Março de 1896

(371) Vide nota 356.

(372) Refere-se a *O Archeologo Português*, cuja publicação iniciou em 1895 e conta hoje 29 volumes tendo ficado suspenso desde 1934. É um repositório magnifico de noticias arqueológicas, indispensável na mesa de trabalho de quantos se dedicam ao estudo da Arqueologia Nacional. Publicou-se há pouco o vol. I de uma nova série, estando ainda no prelo o vol. XXX da 1.^a série.

(373) António dos Santos Rocha (Vide nota 221).

propondo-me escrever um artigo n-*O Arch.* (374), o que não fiz logo porque o jornal está atrasado, e porque eu não posso mexer-me com trabalho. Que queria V. Ex.^a que se fizesse mais?

O Hübner tem prestado à nossa arqueologia serviços revelantíssimos. Estes serviços não se deduzem bem do que V. Ex.^a escreve no artigo (375).

Desculpe-me V. Ex.^a estas minhas reflexões, mas a amizade de V. Ex.^a autoriza-me a elas.

Sou com toda a estima

De V. Ex.^a

at.^o ven.^{or} e obg.^o

Lisboa

27-III-96

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or} (376)

Tenho estado fora e só hoje recebi a sua carta, de cujo conteúdo fico ciente. Na 1.^a sessão da Academia activarei a proposta de sócio do C. (377). Quanto ao Maury, em eu tornando a precisar, pedi-lo-ei V. Ex.^a (378). Fico pois esperando pela conclusão do seu trabalho e pelos artigos consecutivos para *O Arch.*

No Cadaval, onde estive, obtive alguns objectos mencionados num jornal que lhe mandei, e mais 12 machados que adquiri depois (379).

(374) Vide *O Arch. Português*, vol. II, pág. 267.

(375) O que Martins Sarmento dizia a respeito de Hübner no artigo consagrado ao livro do P.^e Capela (vide nota 370) era que esta obra representava uma verdadeira *errata e adenda* a uma boa parte do 2.^o vol. do *Corpus Inscriptionum Latinarum* e seus supplementos. A verdade é que, com este elogio ao trabalho de Martins Capela, não pretendia diminuir a obra monumental de Emilio Hübner, a quem Sarmento considerava altamente, já como sábio, já como amigo.

(376) Carta sem data, mas pelos assuntos de que trata e sua ligação com outras cartas deve ser de 1896.

(377) Referência ao P.^e Martins Capela. Vide nota 356.

(378) Vide nota 264.

(379) Vide nota 277.

Eu tinha enviado ao Hübner os calcos antigos da inscrição do Ídolo ⁽³⁸⁰⁾; só mos devolveu hoje. Confrontando o calco do I primitivo com o de agora vê-se a diferença. O I foi sem dúvida feito sobre o sulco da pedra, e aperfeiçoado. Quando V. Ex.^a sair de casa, desejava que examinasse o molde em gesso, e me dissesse a sua impressão, pois ainda nada me disse a este respeito.

Estou muito contente porque, tendo consultado o Jubainville ⁽³⁸¹⁾, e recebido deste resposta negativa, propus-lhe uma ideia acerca da formação da palavra TONGOENABIAGVS, recebi hoje outra carta dele em que aceita a minha ideia e me dá a explicação morfológica da palavra. Do 1.^o elemento não tinha eu dúvida, pois é céltico (V. Ex.^a não quer que se diga *céltico*, mas ponhamos de parte as palavras, e vamos aos factos). Era TONG-, como já se disse n-*O Archeologo* p. 227 ⁽³⁸²⁾. Acerca do 2.^o elemento é que ele me aclarou. No artigo que vou escrever V. Ex.^a verá tudo explicado, e uma bela estampa do monumento ⁽³⁸³⁾. Bem empregadas passadas que eu dei a Braga! O Caldas há-de suar, mas neste tempo de constipações o suor far-lhe-á bem ⁽³⁸⁴⁾.

O meu adjunto lá anda em escavações por Setúbal; veremos o que ele traz ⁽³⁸⁵⁾.

Um diabo de um juiz tem uma vaquinha no gosto da de aí, publicada n-*O Arch.*, pág. 313 ⁽³⁸⁶⁾, mas um pouco mais rude, e assente, ou antes ligada naturalmente com uma peanha do mesmo metal, —objecto bastante curioso, e que será romano ou pré-romano. Mas quer 30.000 réis! Que me diz? A mim custa-me dar tal dinheiro, mas o objecto é tão curioso, que me custa deixa-lo ir. De mais a mais ficaria em compensação de outros objectos comprados baratos ou recebidos de graça. Vai um

(380) Vide nota 295.

(381) Vide nota 102.

(382) Vide nota 328, 331 e *O Arch. Português*, vol. I, página 227, a propósito dos nomes *Tongius* e *Tongetamus*.

(383) Ver *Rel. Lus.*, II, p. 239 a 265.

(384) Vide notas 45 e 294.

(385) Vide nota 339.

(386) Vide nota 251 e *O Arch. Port.*, vol. I, pág. 313.

desenho (387). Com este objecto vem outro, em forma de cabo de castiçal ou de vaso, mas que é sem dúvida da mesma época. A isto não ligo tanto valor. Remeto também o desenho (388). Que lhe parece? Dou os 30.000 réis?

Quando estive em Braga vi um belo carneiro de pedra, de que V. Ex.^a tem fotografia (389). Se quiser que se publique n-*O Arch.* podia mandar-ma para se ir fazendo a gravura. Se os artigos que V. Ex.^a tiver de mandar precisarem de estampas, desejo me mande com antecedência os desenhos, porque as gravuras levam tempo.

Espero resposta.

Lx.^a
3.^a f.

De V. Ex.^a

am.º obg.º

Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.º e S.ºr. (390)

Há tempos escrevi-lhe por causa do *Archeologo*. Estou esperando os artigos. Agora outra coisa.

Desejava que fizesse o favor de me dizer se tem explorado antelas em que, ao lado de instrumentos de cobre ou bronze, apareçam vestígios de incineração de cadáveres (ossos queimados e cinzas); se nas antelas tem encontrado muitas vezes instrumentos de pedra e de ferro. Podendo precisar-me algumas, estimava. Envio um pequeno questionário para ter a bondade de me responder e devolve-lo.

Tinha os seus artigos n-*O Tirocínio* e n-*O Pero Gallego*, mas emprestei-os no Porto, e nunca mos deram (391).

(387) Não se encontra tal desenho na colecção dos autógrafos.

(388) Idem, ibidem.

(389) Sarcófago monolítico a que também se dá o nome de «carneiro» sepulcral. Ou aludirá a uma escultura figurando o animal, do tipo das representativas de javalis, que vimos há anos no Museu de D. Diogo de Sousa, em Braga? (Vide nota 205).

(390) Carta sem data, mas provavelmente também de 1896.

(391) Vide notas 61 e 257.

Nas antas também tem encontrado ossos ou vestígios de incineração?

Sou

Lx.^a
3.^a f.

De V. Ex.^a
am.^o obg.^o

Leite de Vasconcellos

Questionário junto à carta:

1. *Antas*

— Tem encontrado ossadas?

Por ex.:

— Tem encontrado:

a) ossos queimados?

b) cinzas?

Por ex.:

— Tem encontrado antas sem vestígios de enterramento ou cremação?

2. *Antelas*

— Antelas só com instrumentos de pedra?

Por ex.:

Com ossos ou vestígios de cremação?

— Antelas só com instr. de:

a) cobre

b) bronze

c) cobre ou bronze

d) ferro

Por ex.:

E ao mesmo tempo ossos ou vestígios de cremação?

Por ex.:

— Antelas com instr. de

a) pedra

b) de cobre ou bronze

c) de ferro

Qual matéria predomina?

E ao mesmo tempo ossos ou vestígios de cremação?

Por ex.:

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Ontem, em sessão da Academia, foi proposto sócio o Capela ⁽³⁹²⁾, e eu fui encarregado de dar o parecer, o que provavelmente farei na próxima sessão. Logo que acabe de escrever as críticas que estou escrevendo aos livros do Belino, passarei a escrever sobre o Capela ⁽³⁹³⁾. A minha vida é muito ocupada. Agora, de mais a mais, fui nomeado, em comissão, professor do liceu, o que me leva a manhã toda.

Eu li a crítica do Hübner, e gostei muito; vai ser traduzida e publicada numa revista de Lisboa ⁽³⁹⁴⁾. O Belino é que não esperaria, de certo, pelas justas palayras do Hübner ⁽³⁹⁵⁾. As *Inscrições romanas* são positivamente obra do Caldas; ali não há uma linha do Belino. Adquiri a convicção disto logo que li o livro, e agora mais a tenho confirmado ao anota-lo para escrever a crítica. Um homem destes, que assina uma obra de outrem, que é que merece? O 1.^o livro (as *Inscr.* de Braga) esse foi escrito pelo Belino, apenas aqui e além com uns períodos do Caldas; pelo menos é o que a análise do estilo me leva a supor. Claro está que isto é opinião individual e particular, e que não posso publicar. Comunico-a por carta a V. Ex.^a, por ser a V. Ex.^a.

Quando à existência do T da inscrição, não tenha dúvida nenhuma ⁽³⁹⁶⁾. É positivamente metade

⁽³⁹²⁾ Vide *O Arch. Português*, vol. II, pág. 267.

⁽³⁹³⁾ Vide notas 356 e 357.

⁽³⁹⁴⁾ Crítica de Emilio Hübner ao livro do P.^e Capela (Vide nota 356) no N.^o 4, 1896, da *Revista Crítica de Historia y Literatura*, de Madrid, à qual o P.^e Capela respondeu n-*O Arch. Port.*, II, pág. 97.

⁽³⁹⁵⁾ Crítica de E. Hübner aos livros de A. Belino (Vide nota 357), a págs. 101-103 da mesma Rev. espanhola cit. na nota anterior.

⁽³⁹⁶⁾ Refere-se ao nome da divindade mencionada na inscrição de Braga, da chamada *Fonte do Idolo*, que é *Tongoenbiagus* começando por um T e não por P, como Sarmiento supunha (Vide carta de 9-3-96 e nota 361).

de um T^o que lá está. Eu mandei um calco ao Hübner; e ele diz que se convenceu também disto. O facto foi observado pelo P.^o Pereira, pelo Machado e pelo Barbosa ⁽³⁹⁷⁾. O I final é apócrifo, destoa das outras letras e não é preciso usar de lente para ver a pedra ferida. Isto foi observado pelos mesmos, e pelo Grainha ⁽³⁹⁸⁾. O Belino não quiz ir comigo ao sítio. Senão, não tinha remédio senão convencer-se. Se ele fosse um investigador sério, o que procurava era a verdade, e não alegava subterfúgios como os que alegou! Além disso o homem é pouco esperto. Também me convenci disso.

O que é positivo é este nome: TONGOENABIAGVS (em dativo).

Finalmente comprei os dois objectos por 25 000 réis ⁽³⁹⁹⁾. Era pena deixa-los ir.

Há dois dias adquiri 2 lápides romanas de Olisipo, achadas cá. Vão hoje para o Museu ⁽⁴⁰⁰⁾.

Nas férias da Páscoa o adjunto do Museu explorou ao pé de Setúbal um castro pré-histórico onde apareceram objectos de pedra e cobre (ou bronze) apenas. Nada de ferro, nem nada romano.

Muito à pressa.

De V. Ex.^a am.^o obg.^o
Lx.^a 17-IV-96

Leite de Vasconcellos

(397) Referia-se L. de V. ao Padre Manuel José Pereira, então professor do Liceu de Braga; ao Dr. José Machado (vide nota 355), e a Domingos Rebelo Barbosa, desenhador da Direcção das Obras Públicas.

(398) Manuel Borges Grainha, escritor e então professor do liceu de Braga, bom latinista, formado com o curso superior de Letras. Era natural da Covilhã e faleceu em Lisboa, em 1925. Foi grande propagandista das ideias liberais.

(399) Ver notas 386, 387, 388.

(400) Vide *O Arch. Port.*, II, 166; E. Hübner, *CIL*, II, n.^o 206, 220 e Supl. n.^o 5219; A. Vieira da Silva, *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa, 1944, n.^o 65, pág. 166 e n.^o 66, pág. 168. São duas lápides sepulcrais encontradas em Lisboa, junto do muro da antiga *cerca moura*.

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Esta não tem por fim dar-lhe novidades arqueológicas, mas uma bem moderna: vou-me casar no próximo Agosto.

Creio que os meus trabalhos literários não sofrerão, antes ganharão, porque a minha noiva é bastante instruída e amiga de livros.

É filha do Dr. José de Castro, advogado em Lisboa (401), onde vive com os Pais, mas é natural da Beira, e descende de boa família, que lhe deu educação esmerada.

Ora aqui tem V. Ex.^a uma notícia que talvez não esperava! Peço o favor de a transmitir também a sua Ex.^{ma} Esposa.

Nada mais por hoje

Am.^o obg.^o

Lisboa
15-VII-96

José Leite de Vasconcellos

Ex.^{mo} Am.^o e S.^{or}

Pois não lhe posso dar no pretérito a notícia que há dias lhe mandei! Desmanchou-se tudo. Coisas da vida humana. E eu volto à paz dos meus estudos, de onde andei afastado uns tempos (402).

(401) O Dr. José de Castro era advogado distinto e homem político, nascido em Valhelhas (Beira Baixa). Foi uma figura de destaque e de larga influência na implantação da República. Era pai do Dr. Álvaro de Castro, que foi Ministro da Justiça e das Finanças e colonial ilustre como Governador Geral de Moçambique desde 1915 a 1918. Faleceu o Dr. José de Castro em 1929.

(402) Em 15 dias desmanchou-se o casamento de L. de V. que ele participara para breve a Martins Sarmiento e à Esposa, na carta anterior! Mas longe de esse facto constituir para L. de V. uma contrariedade ou uma desilusão amarga, transparece nesta notícia uma tal ou qual satisfação, quando diz «volto à paz dos meus estudos». Tinha ele então apenas 38 anos, mas de há

Muito estimo que o Gerês, com as suas carvalheiras e miliários, lhe seja proveitoso ⁽⁴⁰³⁾.

Estive com o Capela cá em Lisboa.

Hoje vou para Sintra ver uma necrópole neolítica que mandei explorar ⁽⁴⁰⁴⁾. Volto no sábado, e nesse dia vou para a Figueira da Foz; querendo alguma coisa de mim pode escrever-me para lá, *posta restante*. Da Figueira não sei para onde irei.

Os meus respeitos a sua Ex.^{ma} Esposa.

De V. Ex.^a mt.^o obg.^o

30-VII-96.

Leite de Vasconcellos

26-VII ⁽⁴⁰⁵⁾

Meu Ex.^{mo} am.^o

Agradeço o novo exemplar, e mais uma vez o felicito pela sua empresa ⁽⁴⁰⁶⁾.

muito que estava *casado*, unido para toda a vida, diremos melhor, *escravizado* aos seus amados livros, inteiramente entregue ao estudo, a única devoção que presidiu a toda a sua vida! Bem podemos adaptar à paixão absorvente pelos livros que domina o homem de estudo e o não deixa muitas vezes constituir família e gozar o prazer da vida terrena, simples e humana, aquela frase que um dia Camilo Castelo Branco dirigiu a Martins Sarmiento, seu amigo: «Que escura e triste coisa é a Ciência, ó Francisco Martins» (Vide C. C. Branco, *No Bom Jesus do Monte*, 4.^a ed., Porto, pág. 139). Assim viveu e morreu como um asceta o grande sábio, isolado e tristonho, sem uma companheira dedicada que lhe dulcificasse ou atenuasse as amarguras da existência.

⁽⁴⁰³⁾ Nesse ano de 96, Martins Sarmiento passou parte do mês de Julho no Gerês fazendo tratamento.

⁽⁴⁰⁴⁾ Foi explorada pelo adjunto do Museu, Maximiano Apolinário (Vide nota 339), que n-*O Arch. Português*, publicou depois o artigo «Necropole neolithica do valle de S. Martinho», vol. II, (1896), pág. 210.

⁽⁴⁰⁵⁾ Bilhete sem assinatura e sem a indicação do ano. Deve ser de 1896.

⁽⁴⁰⁶⁾ Referência à publicação por Martins Sarmiento da 2.^a edição do *Ora Maritima*. (Ver nota 241).

Disse-me o G. Barros (407) que o meu am.º lhe pedira nomes de pessoas a quem enviar a sua obra. Aqui lhe indico três que de certo a apreciarão: H. d'Arbois de Jubainville, Professeur ao Collège de France, Paris.

Dr. W. Meyer-Lübke, Professor an der Universität, Wien (Austria). (408)

Dr. Th. von Grienberger, k. k. Kustos an der Universitätsbibliothek, Czernowitz (Bukowina), Austria.

Espero que este outono nos vejamos ou aí ou em V.ª do Conde.

(sem assinatura)

Ex.º Am.º e S.º

Soube ontém à noite pelo Sr. Domingos Martins, a quem encontrei casualmente, o grande desgosto que V. Ex.ª sofreu há pouco (409). Tem pois esta por fim apresentar-lhe os meus sentimentos, o que não fiz primeiro, por não ter tido conhecimento do facto.

(407) Dr. Henrique da Gama Barros, um dos mais insignes historiadores portugueses natural de Lisboa e falecido em 1925. A sua obra mais notável, verdadeiro monumento de erudição é a *História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV*, começada a publicar em 1885 até 1922 (4 vols.). Trabalhava na elaboração do 5.º vol. quando faleceu. Esta obra teve uma 2.ª edição anotada pelo Prof. da Fac. de Letras de Coimbra, Dr. Torquato de Sousa Soares, começada em 1945 (11 vols. faltando ainda o 12.º, dos Índices).

(408) Sobre Jubainville, ver nota 102. Meyer-Lübke, notabilíssimo professor universitário e filólogo, nascido na Suiça, falecido em 1936. A sua principal obra é a *Grammatica das Linguas românicas*.

(409) Alude ao falecimento da Viscondessa de Roriz, irmã de Martins Sarmiento, Dona Maria do Carmo de Araújo Martins de Gouveia Morais Sarmiento (Vide *Revista de Guimarães*, vol. XVI, pág. 109). A notícia fora dada a L. de V. por um vimaranense que então residia em Lisboa, Domingos Martins da Costa Ribeiro, irmão de um político muito conhecido em Guimarães, Francisco Agra, assassinado em 1901.

Em tão tristes momentos não tem a gente outro remédio senão conformar-se com a sorte.

Amanhã saio do reino. Querendo V. Ex.^a de mim alguma coisa, pode escrever-me para Boulevard Montparnasse, 96 (Librairie Aillaud), Paris, onde estou ao dispor, como

Lisboa,
24-III-99

De V. Ex.^a
am.^o m.^{to} obg.^o

José Leite ⁽⁴¹⁰⁾

(410) Termina com esta lacónica epístola de pêsames, escrita em Março de 1899, a correspondência entre Leite de Vasconcelos e Martins Sarmiento. Daí a pouco mais de quatro meses, morria com 66 anos Martins Sarmiento, o grande sábio vimaranense! Leite de Vasconcelos atingia então apenas a metade da existência, pois ainda peregrinou mais 42 anos por este «vale de misérias», na expressão pessimista que Sarmiento costumava empregar. Mas a correspondência científica entre estes dois estudiosos já de há muito que estava suspensa, pois a carta anterior a esta é do ano de 1896, e desde então as relações entre os dois tinham esfriado por completo. Este mútuo e lamentável afastamento resultara do seguinte facto:

Martins Sarmiento publicava então uma série de artigos na *Rev. de Guimarães* subordinados ao título geral de «Materiaes para a Archeologia do Concelho de Guimarães». No volume XIII (1896), a pág. 165, escreveu em nota 2, a propósito de uma ara consagrada a Júpiter, o seguinte: «*Segundo Estrabão e outros o deus principal dos Lusitanos era Marte...*».

Isto mesmo já tinha escrito na sua obra *Os Argonautas* (p. 264). Ora L. de V. entendeu dever contraditar tal afirmativa, e na crítica bibliográfica de *O Arch. Port.* (vol. II, p. 295) escreveu: — que Estrabão não dizia (no Livro III, 7) que Marte fosse o *deus principal dos Lusitanos*, mas sim que os Lusitanos, de entre os seus variados deuses, sacrificavam a Ares, divindade grega que se identificava com o Marte romano.

M. S. retorquiu, com certa ironia, na *Rev. de Guimarães* (vol. XV, p. 105), dizendo que o próprio facto de se identificar o deus *Ares* a *Marte*, divindades estas que ocupavam respectivamente no panteão grego e no romano lugares destacados, autorizava a inferir que esse mesmo deus ocuparia lugar preeminente entre os Lusitanos.

L. de V. respondeu n-*O Arch. Port.* (vol. IV, p. 241) insistindo em que Sarmiento afirmara que Marte era o *deus principal dos Lusitanos*, apoiando-se em Estrabão, o que este autor não escrevera. E que entre *um deus preeminente* e o *deus principal* havia diferença. E terminava assim: «Ora aqui têm

*

* *

Termina com esta carta de fins de Março de 1899 a correspondência de Leite de Vasconcelos para o erudito Vimaranesense. Pouco mais de quatro meses volvidos morria Martins Sarmento.

O insignificante incidente que deu origem à ligeira polémica entre os dois, da qual resultou o esfriamento e suspensão das suas relações, até então perfeitamente cordeais, não diminuiu contudo em cada um destes homens o alto conceito e o respeito pelo valor intelectual que reconheciam um ao outro.

E tanto assim que, após a morte de Martins Sarmento, quando a Cidade de Guimarães prestou, em 1900, grandiosa homenagem cívica à memória do insigne exumador da Citânia de Briteiros e criador de um dos nossos primeiros Museus de Arqueologia — Leite de Vasconcelos imediatamente se associou a essa homenagem, dando a sua colaboração a um Número Especial da «Revista de Guimarães» que a Sociedade Martins Sarmento então editou, no

os leitores como a uma crítica baseada em factos, se pode responder com uma galhofa. Ou em assuntos etnológicos o Sr. Francisco Martins fosse outro que não gostasse de fazer, de vez em quando, passar por infalíveis as suas teorias!».

Sarmento respondeu novamente, agora com certo azedume (Vide *Rev. de Guimarães*, vol. XVI, p. 21), e, depois de vários argumentos em favor da sua tese, dizia: «Hão-de confessar que essa «crítica baseada em factos» é, quando muito, uma embrulhada exquisita, que, pelo tom pedagógico que a soleniza, pode produzir tudo o que se quizer, menos ataques de melancolia».

É evidente que este tom irritante e pessoal que a discussão tomou havia de conduzir a um lamentável ressentimento entre os dois eminentes homens de ciência. Mas Sarmento falecia, infelizmente, nesse ano de 1899 em que publicava aquela última réplica, e a questão findou, por esse facto. L. de V. ainda n-*O Arch. Port.* (vol. V, p. 13) aludiu ao assunto dizendo: «não insisto por Martins Sarmento ter falecido».

qual o sábio director do Museu Etnológico de Belém publicou e comentou com elogiosas e justas referências alguns extractos interessantes de cartas científicas que havia recebido de Sarmento. No ano immediato reproduziu novamente essas cartas n-*O Archeologo Português*, como se disse na introdução a este epistolário.

Em 1928, na data em que Leite de Vasconcelos completava 70 anos foi felicitado pela Direcção da Sociedade Martins Sarmento (Vide *Revista de Guimarães*, vol. XXXVIII, p. 245), à qual pertencia como Sócio Correspondente desde 1909 (sessão da Sociedade, de 18 de Nov.º de 1909). A essas felicitações respondeu Leite de Vasconcelos com o seguinte officio, no qual consagra palavras de justo elogio a Martins Sarmento:

Lisboa

R. de D. Carlos Mascarenhas, 40, em 21
de Julho de 1928

Ex.mo S.or Presidente

da Sociedade «Martins Sarmento»:

A Sociedade de Martins Sarmento, já pelo nome de seu patrono, um dos sábios mais prestimosos da nossa terra, e de cuja amizade pessoal sempre fiz também grande e justo apreço; já pelos serviços por ela prestados à nação, com o histórico Museu de que é possuidora, e com publicações de duradoiro mérito, entre as quais a *Revista de Guimarães*; já pela sede, a nobilíssima cidade, que desde os meus tempos de estudante me habituei a venerar, — tem em meu coração uma ara de respeito e affecto, sem cessar acesa. Por tudo isto compreendo V. Ex.^a, Senhor Presidente, que eu em extremo me sinta honrado e orgulhoso pelo que V. Ex.^a, muito além do que eu poderia esperar, me diz no seu telegrama, que sinceramente agradeço; e peço a V. Ex.^a se digne transmitir igual agradecimento aos restantes membros da Sociedade.

Saude e fraternidade.

Lisboa, casa de V. Ex.^a

José Leite de Vasconcellos

Sócio correspondente da Sociedade

«Martins Sarmento»

Neste mesmo ano de 1928 foi Leite de Vasconcelos elevado à categoria de Sócio Honorário da Sociedade Martins Sarmiento, em sessão de 19 de Novembro, na qual o presidente da Sociedade, Dr. Joaquim de Meira, apresentou a respectiva proposta redigida nos seguintes termos:

«Considerando que o Ex.^{mo} Sr. Dr. José Leite de Vasconcelos tem prestado extraordinários serviços ao País, pelas suas sábias descobertas e observações arqueológicas e como Director da considerada revista «O Arqueólogo Português»;

Considerando que, como filólogo, a cultura portuguesa lhe deve a publicação da «Revista Lusitana», admirável repositório de estudos linguísticos;

Considerando que os seus trabalhos como numismata e etnógrafo são igualmente notabilíssimos;

Considerando que os seus trabalhos de investigação histórica são dos mais profundos, como o denota a invulgar obra «Religiões da Lusitânia»;

Considerando que honra a ciência nacional e o magistério superior:

Proponho que faça parte da galeria dos nossos ilustres Sócios Honorários o Ex.^{mo} Sr. Doutor José Leite de Vasconcelos, patenteando assim esta Sociedade o preito de admiração a uma das mais altas e cultas figuras da mentalidade portuguesa, e a sua veneração e respeito, não só ao escritor erudito, mas também ao mestre acatado e respeitabilíssimo e ao sábio investigador e etnólogo consumado».

Em 1933, ano em que na cidade de Guimarães se festejou o 1.^o Centenário do nascimento de Martins Sarmiento, novamente Leite de Vasconcelos se associou a essa eloquente e sóbria homenagem prestada ao sábio Vimaranesense, colaborando no volume então publicado, editado pela Sociedade em honra do eminente Arqueólogo (Vide vol. *Homenagem a Martins Sarmiento*, Guimarães, 1933, pág. 191).

Em 1941 falecia Leite de Vasconcelos com a propecta idade de 83 anos, esse verdadeiro sábio e erudito criador do Museu Etnológico. A Sociedade que tanto se honrava de o ter como um dos seus consócios mais ilustres, novamente lhe prestou sincera e sentida homenagem em algumas páginas da *Revista de Guimarães* (vol. LI, p. 65 e ss.) subscritas pelo

autor destas quatro centenas de anotações à preciosa *Correspondência*, que na mesma Revista concluímos hoje, e que consideramos de verdadeiro interesse para um mais exacto conhecimento do extraordinário mérito intelectual desta nobre figura de investigador que durante mais de meio século tão alto elevou e prestigiou a Ciência Portuguesa.

M. C.